

## “Tombar não é a solução”

O tombamento no sentido usado pelo Patrimônio Histórico não é o instrumento adequado para ser aplicado ao Plano Piloto ou a Brasília, que, como uma cidade nova, continuará crescendo. Não tem sentido também tombar o Plano Piloto, visando preservar o que ele tem de bom e de ruim, e deixar as cidades-satélites e a periferia de Brasília com todos os seus defeitos e dificuldades. Seria uma discriminação condenável em qualquer regime social.

Esta é a opinião do arquiteto e urbanista Elvin Mackay Dubugras, radicado há mais de vinte anos em Brasília e com vários projetos feitos para o Ministério das Relações Exteriores para construção de embaixadas, entre elas as de Lima, Lagos, Bissau e Riad. Elvin Dubugras concorda com a posição do advogado Matta Machado que, através de uma ação popular, quer tombar o Plano Piloto para frear a especulação imobiliária. O arquiteto e urbanista acha, porém, que a medida destinada a alcançar esse objetivo não será conseguida através do tombamento e, sim, pela total reestruturação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, órgão que funciona sob as ordens do Governador da cidade.

Elvin Dubugras disse que o tombamento deve ser feito visando a preservação de um monumento histórico, no qual nada deve ser acrescentado ou, quando for necessário, deverá ter a aprovação do Governo Federal. “Qual, portanto, o sentido do tombamento, preservar o plano como ele foi idealizado ou com os erros e modificações introduzidas ao longo do tempo? pergunta o arquiteto e urbanista.

O seu ponto de vista é de que a preservação do Plano Piloto só será conseguida através da desvinculação do CAU da órbita do Governo do Distrito Federal, passando a ser um órgão de assessoramento, integrado por arquitetos, urbanistas, além de técnicos e especialistas em outras áreas, como sociólogos, enfim, pessoas altamente capacitadas e descompromissadas com os interesses tanto do Governo quanto dos grupos de pressão: imobiliários, imobiliárias, incorporadoras etc.

Como está atualmente, o CAU, apesar da competência de seus integrantes, não tem condições de defender os interesses da comunidade, pois são funcionários do Governo local, do qual obedecem ordens. Essa situação foi criada ainda na Administração do Coronel Helio Prates da

Silveira, que ignorava totalmente os pontos de vista contrários tanto de Oscar Niemeyer como de Lúcio Costa, que eram, sempre, votos vencidos, quando participavam das reuniões do CAU, o que não ocorria sempre. Outra falha no funcionamento do CAU, segundo Elvin Dubugras, é que suas decisões são sempre reservadas, não chegando ao conhecimento do público que elas irão atingir, beneficiando ou não.

Ele concorda com o advogado Matta Machado quando este defende a preservação do Plano Piloto contra a especulação imobiliária, mas apenas em um aspecto, porque realmente esta área resultará totalmente deformada se continuarem as pressões dos incorporadores e corretores. “Brasília precisa ser tratada como um conjunto, não se concebe, portanto, encarar o Plano Piloto como o bairro privilegiado do DF. Isto apenas preservaria os privilégios de alguns, sem levar em conta a população como um todo”, observou o arquiteto e urbanista, segundo quem o grande perigo é que Brasília fique contida pela própria utilização das áreas pelos gabaritos já existentes, em prejuízo de um plano mais geral. “Um simples tombamento que apenas preser-

vasse esse aspecto poderia ser pernicioso. Se cria uma cidade dos bem aquinhoados, cercada de cidades ou favelas-dormitórios, sem condições adequadas de vida, e ao mesmo tempo que essa população entre e saia de Brasília diariamente, fatalmente levando a comparações entre as cidades em que moram e o Plano Piloto”.

### ERROS

Embora concorde que a cidade não está atendendo àqueles objetivos de seus idealizadores, com toda uma série de modificações. Elvin Dubugras é de opinião que o tombamento do Plano Piloto é um desvirtuamento tão mais pernicioso do que qualquer modificação em uma de suas superquadras, ou mesmo da Avenida W-3. Sua observação é de que um erro não justifica outro. Ele acha que todas as medidas de proteção da cidade, especialmente do Plano Piloto, devem ser adotadas, para não acontecer que dentro de pouco tempo os grupos de pressão consigam derrubar quadras como as 400 ou as casas da Av. W-3. as HP (Habitações Populares) para construir edifícios de apartamentos. Ou, ainda, a ocupação das áreas verdes do Plano Piloto e dos Setores Individuais Sul e Norte.